

TRANÇANDO CABELOS, MEMÓRIAS E FEMININOS: INVENÇÃO DE SI E DO MUNDO COM AS INFÂNCIAS E O CINEMA/ESCOLA

BRAIDING HAIR, MEMORIES AND FEMININE: INVENTION OF THE SELF AND THE WORLD WITH CHILDHOODS AND CINEMA/SCHOOL

TRENZAR EL CABELLO, LOS RECUERDOS Y LO FEMENINO: INVENCION DEL YO (SI) Y DEL MUNDO CON LA INFANCIA Y EL CINE / ESCUELA

Sandra Regina Freitas do Amaral¹
Marcelly Camacho Torteli Faria²
Wenceslao de Oliveira Machado Júnior³

Resumo: O filme *As tranças de Samira* (direção Sandra Amaral, Campinas, 2019) nos leva a problematizar a temática de *gênero e raça* na educação, atualmente foco de ataques e retrocessos na política vigente do país. Nossa busca é dialogar ao redor dessas questões compondo aprendizagens com os femininos ancestrais e contemporâneos.

Palavras-chave: Cinema; escola; femininos.

Abstract: The film *Samira's Braids* (directed by Sandra Amaral, Campinas, 2019) leads us to problematize the issue of gender and race in education, which is currently the focus of attacks and setbacks in the country's current politics. Our quest is to dialogue around these issues, composing learning with ancestral and contemporary females.

Keywords: Cinema; school; females.

Resumen: La película *Las trenzas de Samira* (dirigida por Sandra Amaral, Campinas, 2019) nos lleva a problematizar la cuestión de género y raza en la educación, que actualmente es foco de ataques y retrocesos en la política actual del país. Nuestra búsqueda es dialogar en torno a estos temas, componiendo aprendizajes con féminas ancestrales y contemporáneas.

Palabras clave: Cine; escuela; femeninos.

Introdução

Não me lembro mais qual foi nosso começo. Sei que não começamos pelo começo. Já era amor antes de ser.
Clarice Lispector

O filme *As tranças de Samira* (direção Sandra Amaral, Campinas, 2019) integrante de um conjunto de produções e pesquisas cinematográficas, vinculadas ao *Projeto Lugar-escola e cinema [Fapesp 2018/09258-4]*, realizadas em duas escolas públicas de educação infantil de Campinas, nos leva a problematizar a temática de *gênero e raça* na educação, atualmente foco de ataques e retrocessos na política vigente do país. Nossa busca se torna dialogar ao redor dessas questões que aparecem no filme, compondo aprendizagens com o cinema que

¹ CEI Regente Feijó (Prefeitura Municipal de Campinas).

² Universidade de Campinas (Unicamp).

³ Universidade de Campinas (Unicamp).

promovem a mistura dos saberes femininos ancestrais e científicos, em uma leitura com a filosofia da diferença, implicando a etnomatemática.

Os nossos povos ancestrais de África são os mais antigos do mundo?⁴ Dizem que sim. Haveria um começo para nossas vidas em contato com a selva, a natureza? Que saberes circulam nas escolas de educação infantil Cha Il Sun e Regente Feijó? Estamos tecendo diálogos com o Cineclube Regente/Cha e o Projeto Lugar-escola e cinema⁵ atuantes nas duas escolas em suas múltiplas pesquisas, envolvendo as infâncias nas relações com espaços-tempos de aprendizagem dentro e fora das instituições, potencializando a infinda criação de uma comunidade de aprendizagem com o cinema.

Experimentações com o cinema-escola

A melodia é a vida sensível da poesia.

Beethoven

No Canal Regente Feijó e Cha Il Sun⁶, dentre os 146 filmes produzidos pela equipe do Projeto Cineclube, destacamos o encontro com o filme *As tranças de Samira*, aluna-personagem-protagonista do filme. Suas tranças não são como as de Rapunzel, clássica personagem dos Contos de Fadas, que anunciam a idealização de femininos relacionados às “vidas de princesas”, tão propagandeados pelos meios de comunicação, antes, seus cabelos trançados anunciam a possibilidade de acesso às experiências com os saberes ancestrais. Mulheres que ao trançar dos cabelos contam histórias, reavivam memórias, experimentam a arte da ciência matemática e do *cuidado de si* e dos outros. O *cuidado de si* e do outro a que se refere Foucault (2006), como uma das múltiplas possibilidades da experiência com a *escrita de si*.

Sonoridades ancestrais⁷

Allunde, Alluyá,

Allunde Alluyá

Zap u ua ia

Iaa Ku sô

Ai ai ai ai

Allunde

Ai-yai-yai

Allunde

Mandai a Kuaka

A Kuaka mandai

Ai ai ai ai

Allunde. (PRIETO; PUCCI, 2008, p. 21)

Os cenários do filme *As tranças de Samira* são duas escolas da rede pública municipal de educação infantil, localizadas em um bairro periférico de Campinas, cidade do interior do estado de São Paulo. As tomadas e cenas são acompanhadas de melodias, entrecortadas também por

⁴ Cf. Documentário “A saída da África” (TV Escola).

⁵ Coordenado por Wenceslao Machado de Oliveira Jr, professor na Faculdade de Educação/Unicamp, e financiado pela Fapesp [2018/09258-4]. wences@unicamp.br

⁶ Cf. Canal das Escolas: CEI Regente Feijó e Cha IL Sun, disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCrSABemrU4n_HGEH4fDvK3A/videos.

⁷ “Allunde, Alluyá” é uma canção africana, idioma suaíli em oração ao sol. “Deus do Sol a nascer/ Proteja essa criança/ Ajude-a a crescer/ E tornar-se/ Um adulto/ Que nossa tribo/ Vá fortalecer...”.

cantorias. Isso constitui o ritual dos trançados nas comunidades ancestrais? Entre tantas outras, essa é uma das questões que o filme nos convida a pensar? Mas como surgiram as ideias para o filme?

As tranças da Samira sempre encantaram as crianças e a professora na escola. Quando a menina-aluna-personagem adentrava a sala, balançando suas longas tranças coloridas, o burburinho era geral, todos queriam tocar, sentir as tranças da Samira entre os dedos, e havia muitos elogios. Eu dizia a ela ‘vou pedir a sua mãe para fazer estas tranças em mim também’, a alegria e satisfação da Samira era nítida, afinal todos queriam suas tranças (AMARAL, 2020).

Na saída da escola sempre comentava com a mãe de Samira que as crianças adoravam quando ela vinha com as tranças e, perguntei se gostaria de trançar os cabelos das outras crianças também. Ela ficou superfeliz com o convite e aceitou de prontidão. Conversei com as crianças que ficaram super empolgadas, enviamos bilhetes às famílias falando da proposta e todas deram uma devolutiva positiva. Pensamos como seria com os meninos, afinal eles não costumam trançar os cabelos. Conversei com a mãe da Samira e com as famílias das outras crianças e ficou acertado que os meninos iriam poder escolher os penteados que queriam fazer. Tanto as meninas quanto os meninos trouxeram cremes para cabelos, gel, pentes, as meninas trouxeram lacinhos...

E assim emergiu o filme, fruto de tessituras coletivas. Uma comunidade em criação com o cinema. A mãe da Samira convidou uma amiga para ajudá-la neste dia; foi uma tarde de muita empolgação das crianças que se revezavam nas mesas organizadas na área externa em frente à sala, enquanto algumas arrumavam, outras faziam os cabelos. Os demais brincavam nos cantinhos e as brincadeiras passaram a ser de cuidar, pentear, amaciar, estilizar, arrear (moicano) e trançar os cabelos uns dos outros e umas das outras.

Como tinha o hábito de registrar tudo em vídeo e fotos guardei as imagens e falei para as crianças e famílias que faria um filme. Meu desejo era trazer para o filme como teria sido este dia para as crianças. Também pensar as questões da diversidade étnica, das cores das peles, das diferentes texturas dos cabelos no diálogo com as crianças através da literatura. Sempre considerei importante trabalhar com a diversidade étnica com elas e, a literatura, é um dos caminhos. Então trago para o filme, além das imagens das crianças, alguns livros com temas sobre a diversidade étnica.

A produção do filme foi tranquila. Mais tranquilo do que coordenar as crianças, atendê-las, filmar e fotografar, porque naquele dia eu não queria perder nada, queria registrar tudo. Depois do filme montado passei a me indagar sobre qual seria a trilha sonora. E não tive dúvidas que teria que ser algo de inspiração africana. Eu já conhecia a música e fui procurá-la em meus arquivos. Quando a coloquei no filme pensei, é essa mesma. O filme foi enviado às famílias através do canal do youtube do Cineclube Regente/Cha, e, nos dias seguintes, as famílias me procuravam para comentar e dizer que entenderam o porquê da empolgação das crianças com o filme e vinham me agradecer (AUTORA, 2020)⁸.

Talvez seja oportuno falarmos da educação, da vida e do cinema em suas memórias ancestrais, infantis, um pouco de nossas vidas nas múltiplas escolas e tempos. Os filmes das tribos indígenas brasileiras povoam nossas memórias de infância, o cinema da selva africana, os vilarejos com os povos coloridos, tecendo vidas nômades e rurais, constituindo nosso imaginário artístico e cotidiano de *vida nas escolas*. Para que possamos falar das milhares de

⁸ Fragmento do diário da professora durante as atividades cotidianas do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas”.

trilhas que nos levaram a experimentar e conhecer com as crianças, em suas diferentes infâncias, prosseguimos com essas escritas das aventuras cinematográficas com crianças pequenas, os/as professores/as artistas, cineastas e pesquisadores... Porque os corações têm pressa de vida.

Trançar é uma forma de traçar, cartografar, de criar algo tênue, poético, estético em movimento fugaz, ainda que possa conservar uma intensidade de tempo. *As tranças de Samira* nos faz viajar no tempo, nas variações dos femininos e masculinos e experimentar as relações entre as infâncias, uma série de penteados nos cabelos de meninos e meninas. E, assim, a ciência da etnomatemática, das memórias ancestrais africanas, indígenas, rurais e cinematográficas vão sendo compostas à moda das sonoridades e dos rituais dos povos da floresta.

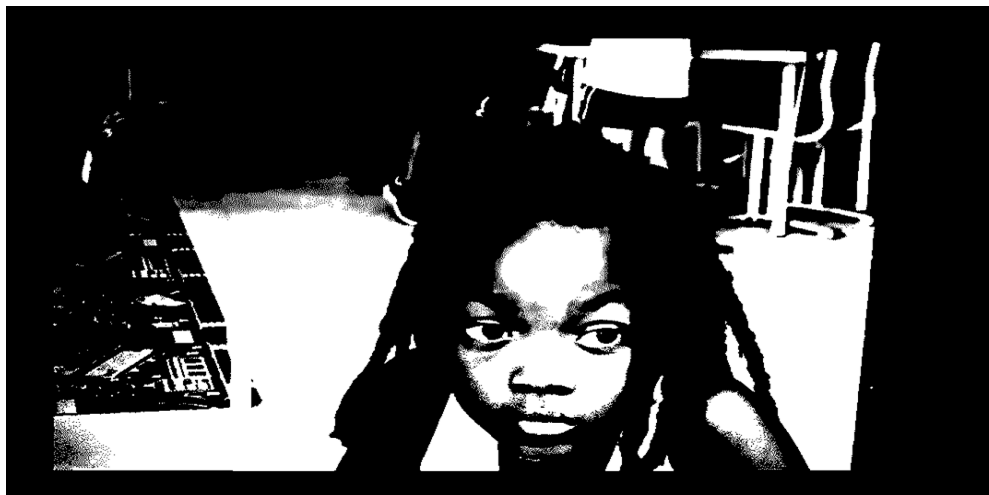


Figura1: Frame do filme *As tranças de Samira*, disponível no Canal do Cineclube Regente/Chá
Fonte: *As tranças de Samira*, 2019.

Que mistério há no ritual de cuidado com os cabelos e as cabeças que carregam também nossos pensamentos e afetos, a trama e o trançado nos cabelos de meninos e meninas? De jovens, adultos, de homens e mulheres? Por que será que as crianças das escolas ficaram tão encantadas com as tranças de Samira? Podemos notar que no filme, tanto meninos quanto meninas estavam envolvidos nessa atividade de *cuidado de si* e do outro, contando com a colaboração da mãe da própria Samira, que compartilhou com as turmas essa arte de trançadeira⁹.

Neste sentido, seguimos tecendo nossos diálogos e escrituras, destacando as expressões do(s) feminino(s) e do(s) masculino(s) nas produções fílmicas do coletivo do Cineclube Regente/Cha. Quais elementos do feminino e do masculino são possíveis de se ver e experimentar nos diferentes filmes, neste caso, em *As tranças de Samira*?

Desde que iniciamos as atividades do Cineclube Regente/Cha, em 2017, não havíamos pensado tão direta e detidamente na questão do(s) feminino(s) presentes nos filmes, embora observássemos que o tema fosse recorrente no cotidiano das experiências de aprendizagem e nas produções artísticas. Ademais, a maioria das educadoras do ensino infantil são mulheres, e acreditamos que na educação básica elas também sejam predominantes. Nas escolas CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun, a maioria das educadoras são mulheres, no Regente Feijó são 19 educadores/as mulheres e 2 homens, no Cha Il Sun são 13 educadoras e 2 educadores, na equipe gestora são 3 homens e uma mulher. Ou seja, nas duas escolas as mulheres são maioria.

⁹ Sobre a arte das mulheres trançadeiras e o processo de trocas sobre o forjar de certos tipos de penteado com outras trançadeiras, práticas etnomatemáticas na elaboração e esquematização dos trançados, conferir: SANTOS, L. B. D. **Para além da estética:** uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação, Rio de Janeiro, 2013. *E-mail:* prof.educa.rj.gov.br.

Se olharmos também para o grupo que compõe o projeto de pesquisa de cinema temos um coletivo de 5 mulheres e um homem que participam da pesquisa na escola, dois pesquisadores vinculados à Unicamp sendo um homem e uma mulher. Novamente temos um coletivo maior de mulheres. E podemos nos perguntar: Que implicações isso terá para o cinema produzido na escola? Será que há alguma distinção na forma de fazer filme por conta do gênero? Como meninas e meninos aparecem nos filmes realizados na escola? É possível através dos filmes das educadoras e das crianças ver estes femininos? Como eles se revelam?



Figura 2: Frame do filme *As tranças de Samira*, disponível no Canal do Cineclube Regente/Chá
 Fonte: *As tranças de Samira*, 2019.

Estas e outras questões surgem quando a pesquisa em torno das múltiplas e abertas constituições dos femininos e feminismos são trazidas no escopo de uma pesquisa de doutorado, integrando também a troca de cartas entre uma professora-cineasta e uma das mais novas integrantes do projeto de pesquisa com o cinema na escola. O presente artigo é fruto dessa composição tecida pelas pesquisadoras que buscam dialogar em torno dos femininos que aparecem nos filmes e nas práticas educativas, passando a experimentar suas determinações, capturas, misturas e criações nas atividades de educação e arte, de modo a acompanhar reflexões, experiências e novas leituras dos filmes e das escritas com as cartas.

Se o feminino pode estar no masculino é possível problematizá-lo, transformá-lo. Da mesma forma o masculino pode estar no feminino e será possível questioná-lo. A arte possibilita esta experiência de liberdade de expressão e infinda criação, podendo reverberar nas práticas educativas entre crianças e educadores/as. De qualquer modo, ainda que as educadoras se constituam enquanto maioria na rede formal de ensino da educação básica, especialmente na educação infantil, é muito polêmica a atuação dos homens e a presença masculina neste campo. O que nos leva a problematizar essas capturas do feminino na exclusividade de atuação com o cuidado e na redução de corpos como organismos biologizantes. Neste sentido, apostaremos na relação com os múltiplos femininos que habitam os diferentes corpos, sejam de meninas e meninos e/ou de homens, mulheres e de outras pessoas que escapam às caracterizações binárias de gênero.

As trocas de cartas, as reuniões do projeto e a leitura dos filmes nos fizeram pensar os femininos, nas diferentes relações com os masculinos, por outras miradas, e, com isto relacioná-las com as produções fílmicas, nas interações crianças-crianças e crianças-adultos. As reflexões e escritos nos fazem pensar de que forma a pesquisa sobre os feminismos pode fazer rasuras nas predeterminações heteronormativas e suscitar discussões acerca de gênero e etnia na

educação infantil. Ao fazer cinema estamos contribuindo para que estas questões surjam e possamos polemizar o olhar dominante e preconceituoso em torno das questões das diferenças nas relações com os outros, a escola e o mundo.

Outro aspecto que vale retomarmos nesse momento é pensar as culturas infantis com um olhar carregado pelo adultocentrismo e também pelo racismo e pelo sexismo que perpassam as nossas relações sociais; o protagonismo infantil torna-se, a partir desses óculos coloniais, mera reprodução da sociedade, não existindo algo novo ou autoral. As crianças também subvertem a lógica dominante, criando e recriando vida dentro das condições dadas [...] por meio do brincar e de um modo diverso dos adultos novas formas de organizações e de relações sociais são pautadas nas percepções raciais e de gênero (SANTIAGO, FARIA, 2021, p. 13).

As tranças criam redes de afetos nas experiências, potencializando a invenção da comunidade de aprendizagem com o cinema e os múltiplos corpos e sensibilidades femininas e masculinas implicados nos processos educativos.

Vejamos os trabalhos na educação como encontros. Acontecimentos em nossas atividades cotidianas, recolhendo fragmentos de escrita com imagens nos filmes e escrita com palavras em cartas e caderninho *hyponemata*¹⁰. A palavra que ouvimos atualmente é *moleskine*, uma espécie de caderno em miniatura (e/ou agenda) em que registramos acontecimentos de nossas vidas e temos por hábito sempre carregar conosco à moda de um celular ou uma câmera *GoPro*¹¹ que pode ser acoplada também aos corpos das crianças, de modo que essas máquinas, assim como os caderninhos *antigos* e os celulares, vão se tornando partes dos próprios corpos das crianças e artistas, um pouco das infâncias que percorrem e atravessam cada um de nós (LEITE, 2011, p. 133).



Figura 3: Frame do filme *As tranças de Samira*, disponível no Canal do Cineclub Regente/Chá
Fonte: *As tranças de Samira*, 2019.

¹⁰ Caderninho de anotações *hyponemata*, livro de vida, de uso, espécie de agenda e/ou livro de contabilidade que os antigos levavam para que nele pudessem anotar tudo o que lhes parecesse importante, fossem trechos de obras ou coisas a serem feitas, lembradas, relidas, meditadas; uma espécie de memória material que poderia servir também, posteriormente, como matéria-prima para produções mais elaboradas (FOUCAULT, 2006, p. 135).

¹¹ *GoPro* câmeras de ação, voltada para o público de pessoas que precisam se locomover com a câmera, por exemplo, esportista e aventureiro. A câmera desenvolve seus próprios aplicativos móveis e software de edição de vídeo. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/GoPro>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Porque nossas memórias vão se constituindo de modo fragmentado e breve, tendo em vista essa onda de tudo registrar com imagens fotográficas em nossos celulares. Então, anotamos tudo que gostamos e consideramos importante, ali, nesse pequeno objeto/caderno/memória e/ou nestas pequenas máquinas de filmar e fotografar. E funcionam como uma espécie de corpo e “memória material...” Cadernos e máquinas em diferentes tempos... Registrando, escrevendo, compondo imagens e textos, experimentando os múltiplos tempos do passado, do presente e do futuro como desejo.

Fragmentos de nossas escrituras nas trocas epistolares: – 1. Trecho de escritos em caderno *hyponemata* da pesquisadora Marcelly Camacho – A escrita arrebenta impelida pela intensidade do viver. O coração silencia (ou grita?) quando não encontra palavras para traduzir os afetos. O que é o amor pelo mundo, à vida, às aprendizagens, às artes, às crianças e criações? Em que tempo se encontra o passado, o presente e o futuro? [...] Não encontramos qualquer face, mas perambulamos em torno das paisagens dos filmes do Cineclube Regente/Cha e de nossas vidas. 2. Trecho de *Conto para uma vida*, da pesquisadora Sandra Amaral – [...] ela acordará como toda manhã, sonhadora, embora soubesse que naquela pequena vila nada de novo poderia mudar sua rotina de todos os dias. Sentada na beira da cama, os pés quase não chegam ao chão, ela os observa perdida em seus pensamentos. Logo seus pensamentos retornam à realidade ao escutar o som suave da vassoura com que sua mãe varre as pequenas folhas do quintal.

O “conto de uma vida”, nos leva a experimentar as muitas vidas que se expressam em nossas vidas... É uma viagem intensiva nas histórias e memórias de outros tempos antigos e atuais. Assim vamos tecendo diferentes sentidos para as experiências vividas e ouvidas em nossas “caixas de pandora”. É como se pudéssemos libertar as personagens de roteiros pré-estabelecidos, criando mobilidade nas cenas, nas memórias, nos argumentos, deslocando tempos/espacos, fazendo fugir o não compreendido ou o que gerou pesares...



Figura 4: Frame do filme *As tranças de Samira*, disponível no Canal do Cineclube Regente/Chá
Fonte: *As tranças de Samira*, 2019.

Multiplicidade de tranças e olhares. Variações *d’as tranças de Samira*. Os dias estão se transformando pouco a pouco... Será que recomeçamos a olhar pela multiplicidade da vida, sendo esse caleidoscópio a própria vida? A pandemia tem nos ajudado nessa revolução diária que é viver de forma diferente nas escolas, nas ruas e em nossas casas? Ou nos acomodamos, amedrontados face a tantas e tantas tragédias e mortes?

No cinema/escola a criação do feminino e do masculino com as crianças, das cores nas vidas, corpos e peles, seguem como diferentes composições de penteados e culturas ancestrais e modernas, de moicanos punks a tranças, de tranças africanas e indígenas desdobrando-se em moicanos... Cuidando de si, do(s) outro(s) e do mundo inventando *poéticas da existência*. “Diríamos que elas eram e são mais alegres justamente quando estão sendo outras, quando estão inventando (a) vida, que é mais vívida quando se faz como variação constante, sempre outra, desdobrada de si mesma” (OLIVEIRA JR, 2020, p. 7).

Será que lentamente, vamos nos afastando de tanto excesso? Desses modos de vida capturados que muitas vezes nos encerramos? E nos reportamos às produções do canal do Cineclube Regente/Cha, ao arquivo da escola-cinema e nos colocamos a inventar e fazer rever e proliferar filmes, diferenças e novos excessos, transbordamentos em tempos de pandemia? Buscamos escapar daquele espaço abarrotado de afazeres, que permitem sempre a circulação das maquinarias dos grandes mercados que pretendem continuar nos controlando. A despeito de tudo e, ao mesmo tempo, criando linhas de fuga, como aposta Deleuze e Guattari (1997), para fazer fugir essas formas de vida sedentárias? Será que o trabalho com as imagens, o cinema, a educação, os femininos e masculinos plurais, a leitura e a escrita podem abrir espaços para as diferenças que implicam o feminino e o masculino em “estados” de misturas e reinvenções? Mas como chegamos a estas indagações e inquietações?



Figura 5: Frame do filme *As tranças de Samira*, disponível no Canal do Cineclube Regente/Chá
 Fonte: *As tranças de Samira*, 2019.

Neste infindo compartilhar de leituras e escritas, nas trocas de cartas virtuais a professora/pesquisadora/cineasta escreveu, em uma das cartas que essas inquietações feministas passaram a atravessar mais intensamente suas relações com a arte, a educação, o cinema e as questões de gênero. Porque podemos vislumbrar, experimentando os filmes do Cineclube Regente/Cha, o quanto essas questões já estavam presentes, e ao mesmo tempo, sendo trabalhadas nos incontáveis acontecimentos do cotidiano nas escolas Chá Il Sun e Regente Feijó. Ao ver e rever o material, notamos a potência da relação entre gênero e cabelo, nas diferentes formas e estilos entre meninos e meninas, o cuidado e as criações de penteados entre as crianças, educadores/as e mães.

Sobre o feminino, de certo não nos reportamos a ele como uma espécie de essência, mas a um conjunto de construções históricas e culturais. Aos poucos nossas lembranças em relação ao feminino e ao amor, mais diretamente a ele associado, foram se tornando apenas luzes coloridas nas tonalidades que aparecem na chama sedutora da vela. A partir de experiências e

leituras de livros, das escolas e da vida, experimentando espaços “femininos”, devires, devir-mulher, devir-travesti, devir-trans, devir-animal, devir-carta etc., diferentes em nosso tempo atual, vamos abandonando o cansaço e as idealizações aprisionantes que envolvem ideias pré-determinadas de amor, de “ser mulher” e menina e/ou “ser homem” e menino.



Figura 6: Frame do filme *As tranças de Samira*, disponível no Canal do Cineclub Regente/Chá
 Fonte: *As tranças de Samira*, 2019.

Ao ler os escritos de Simone de Beauvoir, somos encorajadas a experimentar insondáveis relações com o feminino em estado de descoberta em nossos pensamentos, sonhos, ações, corpos e, principalmente, em nossas relações com o mundo e os outros. Além disso, podemos também adentrar em um campo filosófico que ela inaugura com a afirmação/indagação: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Expressão e reflexão que ganhou mundo, segundo Guacira Lopes Louro (2008), permitindo seu próprio questionamento, variações e desdobramentos.

Considerando essa multiplicidade de feminismos, negro, indígena, ecológico etc. voltamos nosso olhar para a educação. Simone de Beauvoir nos alerta em *O segundo sexo* (2002a, 2002b), que, diante da condição *de outro*, ou seja, a condição oprimida da menina e da mulher, nas diferentes culturas que se evidenciam nos feminismos plurais, ainda assim é possível buscar reinvenções a esse estado de coisas, partindo das nossas experiências e lutas coletivas e, neste sentido, a educação tem um papel central. A valorização dos corpos e dos femininos em criação, na relação com o masculino, são linhas de intensidade que se abrem como possibilidades de criação e diferenças em nossas vidas.

E, traçando esses infintos diálogos entre os feminismos cotidianos nas escolas, nos filmes e as questões destacadas nas produções das escritoras e cineastas feministas, antigas e contemporâneas, as angústias que implicam as relações capturadas de *gênero* vão se atenuando, assim como a tristeza, dando lugar ao desejo como liberdade e alegria. Desejo traduzido nas experiências das crianças com o cinema, expressando as relações com o feminino e o masculino em criação, acolhendo, aprendendo e transgredindo. Com as experiências de nossas infâncias (antigas e atuais – de alunos/as e professores/as) vamos assim abrindo novos territórios em busca de subverter as violências – com as diferenças – ainda tão fortemente marcadas em nossa sociedade atual.

A filósofa contemporânea Judith Butler (2003) criou um novo conceito de gênero como identidade desviante que não subordina a ideia de *sexo* a *gênero*. Em outras palavras, um bebê e/ou uma criança no útero materno que possui um órgão sexual masculino e/ou feminino não significa que sua identidade será determinada como homem ou mulher. A palavra gênero em

Butler adquire um sentido de ambiguidade. Simone de Beauvoir (1970), na esteira de Nietzsche, anuncia uma *moral da ambiguidade* e Butler (2003) nos alerta que a ideia de gênero é depositária de um sentido normatizador, de uma vida psíquica poderosa, ainda que se trate de uma construção histórica e social contingente, fazendo implodir o próprio conceito – relação de luto com a questão do gênero heteronormativo e/ou normalizador, a morte, o gênero e o tema da pandemia – como trazer para a educação? Se a *teoria queer* colocou em xeque as formas correntes de compreensão das identidades sociais, como poderemos experimentar os corpos sem a mediação das aprendizagens de gêneros pré-determinadas?

Quando escrevemos assim parece algo simples, passivo e fácil. Mas se trata de uma busca incessante para esgotar o campo dos possíveis, desconectar-nos dessa ideia de “eu” feminino, masculino, de autoria e de controle na vida e no amor... No ensaio acerca do tema do amor em novas perspectivas, bell hooks afirma:

[...] amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança. Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa definição marca o nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar. Conforme nos movemos em direção ao destino desejado, exploramos o caminho criando um mapa. Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor – partindo de um lugar que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor (HOOKS, 2020, p. 55-56).

Ademais, sendo invadidos/as por acontecimentos dessa epidemia, por isolamentos, em grande medida, nesse processo, também somos impelidos a reinvenções de novas formas de vida. Distanciar-nos um pouco de tudo em busca de encontrar novamente os desejos mais singelos do viver.

Mapas e cartas – cartografias do feminino

A escrita pode ser uma busca criativa quando traçada por um devir-feminino. O feminino não como algo estabelecido pelos padrões culturais do ocidente. Abordamos o feminino em uma perspectiva cartográfica, ou seja, de traçados inventivos, em movimento e sintonia com os *feminismos bastardos e tardios* (RIBAS, 2019). Talvez pudéssemos afirmar que para as mulheres a escrita é uma prática curandeira, geradora de vida e saúde, assim como a literatura funciona para Deleuze (1997): “A mulher é o seu próprio possível. Ela se possibilita. Tal é o seu mistério, a sua graça. O que não se percebeu o suficiente é que a graça se define por uma mistura de peso e leveza, sendo que o peso é o mais leve, e a leveza, a mais pesada”. (DELEUZE, 2018, p. 254).

A escrita vai se tornando carente e temerosa tal como os traços de uma cartografia porque aliamos o desejo de escrita ao tema do amor, desde a ancestralidade, ao *cuidado de si* e dos outros, indissociáveis? Novas cartografias e cartografias em criação. A essa possibilidade de contato e, agora, aliviados/as, percebemos/as que será possível continuar a escrever, fazer cinema-escola, filmes e viagens singulares em diferentes territórios, mares e planos de nossas vidas.

A educação e a arte têm uma relação de lealdade com os desejos, as ciências, mas também com saberes femininos ancestrais e populares. E vocês, leitores/as, amigos/as podem não ler e nos evitar para todo o sempre. Não podemos nos atrever? É que desejamos que vocês nos acompanhem, que estejam ao nosso lado, ainda que distantes, sendo leitores/as e amigos/as porque, afinal, somos muitos/as.



Figura 7: Fotografia do *Grande Atlas Mundial* – Fonte: Readers Digest, s/d.¹²

Estamos todos multiplicados/as. E, então, é que podemos tão somente desejar e também nos conectarmos com vocês e, porventura, com outras pessoas amorosas que possam ajudar nessa potência criadora de “experimentar a vida como obra de arte”, nos mobiliza sempre Foucault (2006).



Figura 8: Detalhe do Mapa Mundo Musical: Mawaca – Fonte: Prieto e Pucci (2008, p. 3).

Não há pessoas certas/erradas e/ou normais/anormais no espaço arriscado de aprender/ensinar/viver com as diferenças. As coletividades se expressam de modo mais livre ou autoritário.

A busca pela escuta do cotidiano é para não impedir as experimentações. É nosso desafio ao nos lançarmos nessas múltiplas relações com o feminino e masculino (em criação) e os feminismos... Neste sentido, podemos ouvir Luiz Fuganti¹³ sobre o conceito de desejo em Spinoza

¹² Grande Atlas Mundial, [Readers Digest](#), s/d.

¹³ Cf. o diálogo com o filósofo e professor Luiz Fuganti: Desejo segundo Spinoza, Deleuze e Guattari, no Canal Agenciamentos Contemporâneos, transmitido ao vivo em 24 de julho de 2020. Fonte: <https://youtu.be/r5A3RSIzvQM>. Acesso: 15 fev. 2021.

e Deleuze. “Desejo como ato de liberdade” com os femininos, corpos, masculinos, artes e criações. Somos gratos por cada pedacinho de vida, pelos conflitos e estranhamentos, inclusive.

O amor a cada pequena coisa e gente é sagrado. Isso nos faz pensar o feminino ancestral que experimentamos nas relações e leituras das (e com) as mulheres feministas negras e indígenas e também com o cinema, as obras artísticas e literárias, as teorias da filosofia africana, francesa e latino-americana. Há homens feministas e mulheres machistas. O cenário não é algo tão fácil de encarar. Questionar as normas e preconceitos vigentes sempre gera problemas que nos mobilizam a pensar e a nos conectarmos com os fluxos incessantes do viver.

Carta/livro, carta/cinema/diário. Um ritual para atividades de leitura e escrita de imagens e palavras... Escritas com imagens. Escritas de cartas. Vamos nos reinventando com o cinema/escola e as *tranças de Samira*. Mais livres e belas que as de Rapunzel.

Vibramos com o sorriso coletivo da personagem-criança Samira! Escritas cinematográficas? Contos de fadas e de bruxas/os? Podemos nos indagar: – Será que nossos/as leitores/as e expectadores/as gostarão de escrever e receber as nossas cartas e filmes? A escrita com cores, matérias, formas, luzes e palavras é uma abertura incômoda e afetiva, emana um pouco das paisagens do viver, faz nascer entranhas e asas de liberdade nas experiências com as infâncias e suas múltiplas cartografias emergentes com o cinema-escola.

Referências

AMARAL, Sandra. Diário da professora em atividades cotidianas. *Projeto Lugar-escola e cinema*, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002a.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*, vol. 2. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002b.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. Descrição da mulher: por uma filosofia de outrem sexuada. In: LAPOUJADE, D (Org.). *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018. p. 251-264.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* 3. ed. Lisboa: Veja, 2006. p. 129-160.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

LEITE, César Donizetti Pereira. *Infância, experiência e tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado. A floresta não (a)parece selvagem por todos os lados: encontros inumanos no cinema em escolas infantis. *Climacom Cultura Científica: Pesquisa, Jornalismo e Arte*, Campinas, ano 7, n. 17, p. 1-18, jun. 2020.

PRIETO, Heloisa; PUCCI, Magda. *De todos os cantos do mundo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

RIBAS, Cristina. *Feminismos bastardos: feminismos tardios*. São Paulo: n-1, 2019. (Série Pandemia).

SANTIAGO, F.; FARIA, A. L. G. Feminismo negro e pensamento interseccional: contribuições para as pesquisas das culturas infantis. *Educação e sociedade*, Campinas, v. 42, p. 1-18, 2021.

AS TRANÇAS DE SAMIRA. Direção: Sandra Amaral. Produção: Projeto Cineclubes Regente/Cha, 2019. 1 vídeo (02 min 55 seg.), son. color.

Sobre os autores

Sandra Regina Freitas do Amaral. Professora da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó. Possui graduação em Pedagogia e especialização em Educação Infantil: Alfabetização e Letramento. Integrante do Cineclubes Regente/Cha desde 2017 e bolsista do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2019/18098-3].
E-mail: sandra07amaral@gmail.com.

Marcelly Camacho Torteli Faria. Psicóloga, professora na Faculdade Santa Lúcia, doutoranda na Faculdade de Educação/ Unicamp, pesquisadora no Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO e no Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2018/09258-4], desde 2020.
E-mail: marcellycamacho314@gmail.com.

Wenceslao de Oliveira Machado Júnior. Professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/Unicamp. Pesquisador no Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO e Coordenador do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2018/09258-4].
E-mail: wences@unicamp.br.